

MEMÓRIA E AS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE

Paula Uglione

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo:

A memória é um elemento conceitual importante na tradição do pensamento ocidental. Como a memória atua nas forças que criam as continuidades e descontinuidades dos lugares e das cidades contemporâneas? O presente texto percorre ideias, nos campos da filosofia, da história, da arquitetura e da psicanálise, que indicam estatutos e sentidos diferentes da memória, a partir de diferentes racionalidades. Com isto, este artigo busca contribuir para reflexões sobre a construção e as transformações das localidades no mundo atual. Ao final do percurso, o ensaio sugere que a memória mantém-se como um conceito interessante para critérios de estetização dos lugares e das cidades no contemporâneo, especialmente quando é entendida como processo simbólico de significação e de recomeço.

Palavras-chave: memória, cidade, transformações, temporalidade, cultura contemporânea

Abstract:

Memory is an important conceptual element in the tradition of Western thought. How does memory act in the forces that create the continuities and discontinuities of contemporary places and cities? This text deals with ideas, in the fields of philosophy, history, architecture and psychoanalysis, which indicate different statutes and meanings of memory, from different rationalities. With this, we seek to contribute to reflections on the construction and the transformations of the localities in the world today. At the end of the course, the text suggests that memory remains an interesting concept for criteria of aesthetization of places and cities in the contemporary, especially when it is understood as a symbolic process of signification and resumption.

Key-words: memory, city, transformations, temporality, contemporary culture

Aqui tudo
parece
Que era ainda
construção
E já é ruína
(Caetano Veloso)

A transformação dos espaços é uma das principais características da cidade moderna, senão uma de suas condições. Em certo sentido, pensar na modernidade de uma cidade é colocar em perspectiva seu potencial de maleabilidade e extensão. Afinal, é sob o projeto social utópico do positivismo que a cidade moderna nasce e cresce. Cidade idealizada como habitat de uma sociedade que se crê livre das amarras do passado, e que marcha, otimista, projetando-se para um futuro promissor.

Mas um tempo futuro, por vir, cede lugar a uma temporalidade do presente permanente, imprimindo novas demandas e velocidades de transformação na cidade contemporânea (BULHÕES, 1999).

As múltiplas e frequentes intervenções, inevitavelmente desfiguradoras dos contextos existentes, constroem novos cenários urbanos, tornando os referentes instáveis e transitórios. As paisagens urbanas (contemporâneas), paradoxais e difusas, desintegram os suportes da memória e desativam os mecanismos de reconhecimento (SHULTZ, 2008: 206).

Na perspectiva de Maurice Halbwachs, a memória encontra seu principal apoio na materialidade dos lugares: as pedras sobre pedras que moldaram ao longo da história da humanidade seus ambientes construídos, são as molduras da memória. Os aspectos materiais da cidade ofereceriam ao sujeito perceber-se de que uma parte dele mesmo se mantém permanente, indiferente às paixões, às esperanças, aos medos. Ao se debruçar sobre a imobilidade das coisas - que é o “ofício” da memória -, cada um encontraria a certeza de sua própria estabilidade e permanência (HALBWACHS, 1952; 1997).

A memória, uma vez que une de forma dialética o passado, o presente e o futuro, pode favorecer formas de vida sem rupturas brutais. Se uma aceleração da vida - causada pela multiplicação dos transportes e pela planetarização das informações - ao se

encontrar com o fechamento dos espaços e a individualização no interior dos mesmos, favorece o individualismo e a abstração simbólicas na sociedade atual, a memória tem um papel fundamental na criação de laços sociais e no estabelecimento de relações simbólicas nos espaços urbanos (JODELET, 2002).

Mas se a memória se ancorasse nas materialidades permanentes, estaria ela inoperante ou desmobilizada na vida coletiva e nos cotidianos da cidade contemporânea com seus cenários, territórios e lugares em constante compasso de desmontagem e transformação?

Para Pierre Nora, no momento histórico em que uma memória viva, espontânea, passou a ser substituída por uma memória escrita, documental, houve uma radical mudança no estatuto e nos sentidos da memória na cultura. E a sociedade contemporânea, na opinião do autor, sob o princípio de um ‘produtivismo arquivista’, de um ‘culto documentário’, seria o ápice desta metamorfose:

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivo como a nossa, não somente pelo volume que segrega espontaneamente a sociedade moderna, não somente pelos meios técnicos de reprodução e de conservação que ela dispõe, mas pela superstição e o respeito pelo vestígio. [...] Na medida em que desaparece a memória tradicional, nos sentimos impelidos a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, signos visíveis daquilo que foi, como se este dossiê cada vez mais proliferante devesse ter não sei que prova para não sei qual tribunal da história (NORA, 1997: 31).

Esta ‘materialização da memória’, nas palavras do autor supracitado, ainda será prodigiosamente dilatada, multiplicada, descentralizada. Na época clássica, considera o autor, os grandes fabricantes de arquivos restringiam-se à Igreja, às grandes famílias e ao Estado. No contemporâneo, todos se sentiriam impelidos a guardar, a conservar todo signo indicativo de memória, mesmo que não se saiba exatamente de qual memória eles são indicativos. “Produzir arquivo é o imperativo da época” (NORA, 1997: 32).

O álbum de família, com o aparecimento da fotografia no séc. XIX, será um dos importantes sistemas de inscrição da memória, no qual o “tempo perdido”

será buscado em imagens do passado dispostas em ordem cronológica, enquanto guardiões dos acontecimentos que merecem ser conservados (BOURDIEU, 1965). E a fotografia digital sendo, nesta ótica, o desdobramento de uma tecnologia voltada à montagem de “memórias artificiais”, nas palavras de Choay (2001:19), que todos individualmente sentem-se iam convocados a montar.

A cultura do *revival*, que contaminou as sensibilidades no final do século XX, teria revelado, na opinião de Huyssen (2005), uma falta de necessidade de memória, uma vontade de não lembrar da sociedade ocidental contemporânea; e a atualização compulsiva do passado que ela (esta cultura do *revival*) encenou estaria a serviço de poupar a sociedade do arduo trabalho de memória. As desilusões da sociedade moderna criaram uma consciência que tomou para si uma espécie de responsabilidade pelo passado, a partir da qual teria se fortalecido no pensamento e na cultura contemporâneos “um modo nostálgico de busca das origens, como se o objetivo fosse conseguir puxar todos os vários passados para o presente” (HUYSSSEN, 2005: 15).

Uma visada sobre as racionalidades, as políticas e as sensibilidades preservacionistas, de valorização da herança cultural, mas também de “retorno” a formas de vida mais naturais e simples - que foram impulsionadas a partir dos anos 1970 na cultura ocidental e que se sustentam com todo vigor até os dias atuais - indicariam respostas, ou resistências, a um suposto desaparecimento de uma linha de conexão com o passado, que marcaria a vida urbana contemporânea.

Segundo a filosofia existencialista de Martin Heidegger, estar junto às coisas e aquilo que são familiares é tarefa essencial da vida; e o estranho, o não-familiar são metáforas da angústia de um sujeito que está frente a um mundo que nem sempre ele compreende, mas que precisa fazer (compreendê-lo) para nele se projetar. A permanência das coisas no tempo e a demora dos homens junto às coisas seriam essenciais aos modos de construir-habitar-pensar o mundo.¹

Sabe-se que a cultura ocidental da segunda metade do século XX, assombrada com os destroços das

grandes guerras, encontrará na memória uma resposta a partir de onde parece possível (re)construir e habitar as cidades.

E o cenário de aceleração e fragmentação da vida urbana, especialmente sob os princípios do desenvolvimento tecnológico que se atrelaram ao pós-Segunda Guerra Mundial, será vislumbrado - numa mirada existencialista bastante forte - como prenúncio de uma sociedade sem memória, habitat de um sujeito cada vez mais desenraizado, fora-de-casa/longe-de-si, angustiado pela destruição e pelo abandono de suas origens: da terra e das coisas em si do mundo, mas também de seus antepassados.

Uma cultura conservadora da cidade teria sido uma das respostas da sociedade a partir da segunda metade do século passado - e de forma especial uma resposta no campo da arquitetura - frente ao desmonte das promessas (de progresso e de futuro) da modernidade. “Uma cultura mimética do passado e comprometida sobretudo com qualquer ideia de recuperação, permanência, custódia e rememoração” (SOLÁ-MORALES 2003, 109).

O sujeito contemporâneo, atravessado pela experiência de um vazio vivido no presente, e frente a um espaço (urbano) que perdeu grande parte de seu sentido como assentamento humano, tende a recorrer ao passado da cidade, através de sua mitologia e de seu patrimônio (ATTALI, 2001).

Para Aldo Rossi (1991 -1997) - arquiteto italiano cujas ideias e obras trazem a memória como componente importante da arquitetura -, a cidade é uma condensação de objetos, artefatos familiares e arcaicos, fragmentos e restos de elementos e utensílios cotidianos da vida. Alguns lugares específicos da cidade (*locus, loci*) são permanências impulsionadoras, elementos primários que, “ao levarem o passado ao presente” (ROSSI *apud* EISENMAN, 1992: 156), impulsionam o processo de crescimento e revitalização urbana. No *locus*, a continuidade da cidade se realizaria, não como permanências imutáveis, mas como tipologias arquetípicas recolhidas da memória - como o bule de café, por exemplo -, que servem para as sobreposições de tempos e de significados pelas quais a cidade é composta:

Organizei um álbum de meus projetos que se compunha unicamente de coisas já vistas em outros lugares: galerias, silos, casas velhas, fábricas, casas de fazenda na região campestre da Lombardia ou perto de Berlim, e muitas mais, algo entre memória e inventário [...] objetos familiares, cuja forma e posição já são fixos, mas cujos significados podem ser modificados. Celeiros, estábulos, abrigos, oficinas etc, objetos arquetípicos cujo apelo emocional comum desvenda preocupações eternas” (ROSSI, 2006: 380).

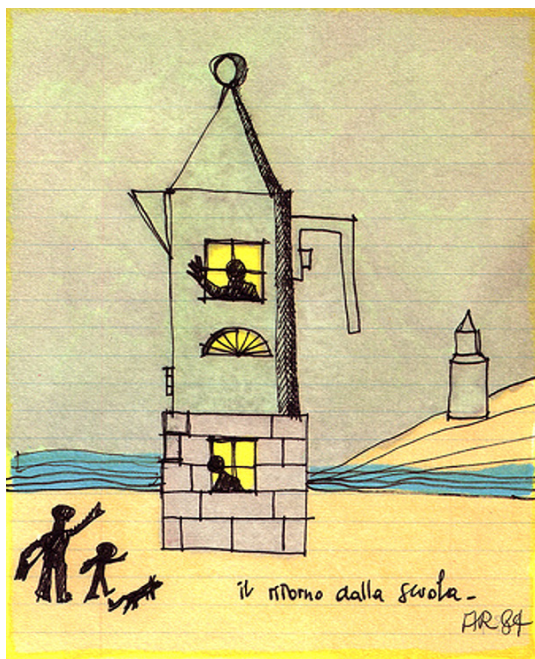


Imagem 1. “Il ritorno dalla scuola”, 1984. Fonte: ADJMI, Morris; BERTOLOTTI, Giovanni, (1993), *Aldo Rossi: Drawings and paintings*. New York: Princeton Architectural Press, p. 100.

Uma inserção da memória na cidade que acena para uma volta ao passado, mas diferente daquela sobre a qual JEUDY (2005) refere-se, ou seja, uma volta em busca de espelhos para alguma identidade perdida. Trata-se de uma volta como busca de inscrições, de marcas do tempo vivido, a serem trazidas para a reconstrução atualizada de espaços de vida significativos para as pessoas.

Robert Venturi n.1925 e seus colaboradores, em um dos seus estudos mais conhecidos sobre cidade,

no qual analisam as formas arquitetônicas de *Las Vegas*, fazem um elogio a uma arquitetura simples e convencional, a qual se aplicam símbolos com vistas a uma comunicação evidente na cidade. Uma arquitetura que valoriza as permanências que formam o glossário de uma cultura (como por exemplo um pato), e que deve buscar sua fonte naquilo que é o familiar, o local, o nativo, enfim, o autêntico desta cultura:

Alusão e comentário sobre o passado e o presente, ou sobre nossos grandes lugares-comuns ou velhos clichês, e inclusão do cotidiano no ambiente, sagrado e profano – é isto que está faltando na arquitetura moderna de hoje (VENTURI *et al.*, 2003: 69).



Imagem 2. Forma arquitetônica em Las Vegas. Fonte: VENTURI, Robert ; SCOTT, B. Denise ; IZENOUR Steven, (2003), *Aprendendo com Las Vegas: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica*. São Paulo: CasacNairfy, p. 41.

Uma espécie de bricolagem de elementos rememorativos e autobiográficos montaria a cidade moderna; montagem nem tão nostálgica, nem tão profética, mas um pouco de tudo isto: “Podemos receber a energia da novidade da profecia, mas o nível dessa energia deve ser estritamente referido ao contexto conhecido, quiçá banal e necessariamente carregado de memória do qual emerge” (ROWE; KOETTER, 1975: 297).

Para Nietzsche (2007), a cidade, imitando a vida, movimenta-se em eternos retornos, numa tempora-

lidade descontínua na qual cada instante é o signo de um possível acontecimento crucial, um acontecimento que poderá mudar tudo. A cidade é sempre outra de si mesma, que está permanentemente sob forças que estão sempre a provocar diferença e não identidade, conhecimento e não reconhecimento (SCHULTZ, 2008). “Talvez seja a amplitude de possibilidades o que constitui a essência de uma cidade: saber que, ao virar a esquina, pode suceder algo inesperado, desconhecido” (KOLLHOFF, 1994: 83).

A “desterritorialização” é a condição mesma do sujeito contemporâneo, em seu caminhar em direção a “territórios sempre fora de alcance, não por serem imaginários, mas ao contrário, porque estão sempre sendo traçados” (DELEUZE e GUATARRI, 1997: 72).

Para DELEUZE (2006), a teoria freudiana provocou uma guinada no discurso da história, acima de tudo, ao inserir a dimensão do inconsciente, o que contribuiu para o remanejamento de uma posição positivista do tempo (a do tempo como cronologia). Mas também uma guinada por inserir a ideia de trauma como um acontecimento - inerente à vida psicológica de qualquer pessoa - que provoca descontinuidades e “compulsão à repetição”.² O trabalho de inscrições psíquicas, que é a memória, num jogo de lembranças e esquecimentos, é uma espécie de documentação ficcional (DERRIDA, 2005). Concepção freudiana, essa, dirá Derrida, que aproxima qualquer noção de História a um imaginário literário.

No mundo urbano contemporâneo, *malgré* o niilismo de muitos, a vida comunitária reconstitui-se, não sem esquecimento (seletivo) do passado ou sem rupturas dolorosas que representam as experiências novas (ROCHA et ECKERT, 2005: 93).

Frente ao novo, à falta de significado inerente aos vácuos próprios dos traumas humanos (e urbanos), “a vida insiste em buscar um sentido” (CONTE, 2001:153), e a memória, enquanto máquina de escritura de novos arquivos de histórias (DERRIDA, 2005), é acionada a fazer o seu trabalho. É frente aos deslocamentos e transformações na cidade, que a máquina de escritura de uma memória urbana, individual e coletiva, é ativada às suas tarefas. Memória

é “repetição diferencial” (DELEUZE, 2006).

Frente aos “acontecimentos”, aos instantes derraideiros nos quais a ampulheta gira, a memória é acionada a produzir outros e diferentes significados para a vida (DELEUZE et GUATARRI, 1996). “Eu prefiro, de longe, a expressão trabalho de memória a dever de memória, pois não vejo por que a memória seria um dever, enquanto que o trabalho de memória é uma exigência da vida” (RICOUER, 1998: 9).



Imagem 2 e 3. Antigo Casino da Urca, no Rio de Janeiro. Fonte: Acervo Pessoal

Conclusão

Neste texto, percorreram-se algumas ideias e pensamentos que tomam a memória como ferramenta mais ou menos direta de intervenção nas cidades. Em tal percurso, vislumbra-se como a memória pode ser entendida sob noções e sentidos bastante diversos, por vezes díspares ou contraditórios.

As transformações são acontecimentos cotidianos nas cidades contemporâneas, e as rupturas que elas provocam apelam a vontades de refúgios, sejam eles materiais ou conceituais, que permitam algum alívio identitário aos coletivos urbanos.

Como lembram os existencialistas, num mundo

que nem sempre pode ser compreendido, as intensidades transformadoras tendem a empurrar o sujeito à angústia. E a memória, frente aos “despedaçamentos” do mundo atual, pode ser um refúgio vindouro, quando vista como promessa de redenção do e com o passado, e até mesmo de previsão e precaução do e com o futuro.

Contudo, os despedaçamentos do mundo, ainda que sejam sinais inegáveis de relações mais velozes e fluidas com o passado - próprias da vida pós-industrial - também podem servir para empurrar, encorajar e instrumentalizar o sujeito para aguardar o futuro que, como bem sinaliza Benjamin (1996), é sempre irremediavelmente desconhecido e imprevisível. Ademais, é sempre bom não esquecer que anseios por uma identidade cultural podem encobrir vontades de separação e de dominação numa sociedade. E a memória, como promessa de identidades e de reconhecimentos, pode muito bem servir a tal tarefa de encobrimento.

Para os arquitetos Colin Rowe e Fred Koetter, a bricolagem que caracteriza as paisagem urbanas é marca da colagem de restos e pedaços de mundo. Colagem que não deixa de ser a essência das cidades contemporâneas no que elas conquistaram em urbanidade, ou seja, em multiplicidade e em potência inclusiva. Colagem que monta o cenário fragmentado que é a cidade contemporânea. Um cenário feito de excessos, de quebrados, de desarrumados e de insignificantes; cenário que tensiona fronteiras entre o belo e o feio, entre o horror e o sublime, e que é testemunho de um mundo que também é de angústia - sim! admitamos -, mas não necessariamente destinado à destruição e ao abandono.

Para os pensadores Robert Venturi e Aldo Rossi, a memória é pilar conceitual da arquitetura e do urbano, na medida em que ela diz respeito aos traços que compõem o “glossário” das cidade, e sobre os quais as transformações deveriam estar apoiadas. Uma perspectiva de cidade, de memória e de transformação, que reconhece e acentua o jogo das continuidades e descontinuidades da vida, e o difícil contrapeso entre comprometimentos de transmissão e demandas de massificação e de consumo, exigido pela sociedade global.

As formas “desajeitadas” pelas quais vemos as transformações acontecerem, especialmente nas localidades periféricas do mundo contemporâneo, desestabilizam pretensões de inocência, e mostram, sem dúvida, facetas de descasos e de fracassos nas cidades.

Noções de memória imbuídas da ideia de um tempo não linear no curso das transformações da vida (e da cidade), parecem um dispositivo bastante interessante, de reflexões e de decisões, nas e para as cidades. Da mesma forma como noções de memória para as quais nem toda mudança em direção ao novo significa desenvolvimento e aperfeiçoamento. As fissuras são inerentes à vida. A dimensão trágica de toda transformação urbana não está atrelada, necessária e simplesmente, a eventos mal-planejados ou mal-intencionados de rompimento com a tradição e o passado. Os lugares e as cidades se transformam pela potência das rupturas e até mesmo dos traumas pelos quais são atravessados. Elas também se transformam pelas pulsões mesmas inerentes à vida, de mutação e retorno, de busca de significações (inerente à vida), e de encontro de impossibilidades e limites (igualmente inerente à vida).

Notas

¹ “Construir-habitar-pensar” é o título de uma conferência proferida por Heidegger em 1951, publicada em Heidegger, Martin (2002), *Ensaios e Conferências*, Petrópolis: Vozes.

² Compulsão à repetição é um termo utilizado pela teoria psicanalítica para designar um automatismo de repetição que o psiquismo estaria destinado a fazer, e que teria por função diminuir os efeitos dos traumas inerentes aos conflitos psicológicos.

Referências Bibliográficas

- ADJMI, Morris, BERLOTTTO, Giovanni (1993), *Aldo Rossi: Drawings and paintings*, New York: Princeton Architectural Press.
- ATTALI, Jean (2001), “La mutación como superación”, Rem KOOLHAAAS et al., *Mutaciones*, Barcelona: ACTAR, pp. 268-299.
- BOURDIEU, Pierre (1965), *Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie*, Paris: Minuit.
- CHOAY, Françoise (2007), *A alegoria do patrimônio*, São Paulo: Estação Liberdade.
- CONTE, Júlio (2001), “O silêncio dos espaços infinitos”, E. SOUZA, E. TESSLER, A. SLAVUTZKY, *A invenção da vida: arte e psicanálise*, Porto Alegre: Artes e Ofícios, pp. 150-162.
- DELEUZE, Gilles (2006), *Diferença e repetição*, São Paulo: Graal.
- DELEUZE, Gilles e Felix GUATTARI (1996), *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1, Lisboa: Assírio & Alvim.
- DELEUZE, Gilles e Felix GUATTARI (1997), *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 5, São Paulo: 34.
- DERRIDA, Jacques (2005), *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- EISENMAN, Peter (s.d.), “Las casas de la memoria: los textos analógicos”, Kate NESBITT, *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*, São Paulo: Cosacnaify.
- HALBWACHS, Maurice (1997), *La mémoire collective*, Paris: Albin Michel.
- HALBWACHS, Maurice (1952), *Les cadres sociaux de la mémoire*, Paris: Les Presses Universitaires de France.
- HEIDEGGER, Martin (2002), *Ensaios e conferências*, Petrópolis: Vozes.
- HUYSEN, Andreas (2004), *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia*, 2.ª ed., Rio de Janeiro: Aeroplano Editora.
- JEUDY, Henri-Pierre (2005), *Espelho das Cidades*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- JODELET, Denise (2002), “A cidade e a memória”, Vicente DEL RIO, Cristiane Rose DUARTE, Paulo Afonso RHEINGANTZ, *Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*, Rio de Janeiro: Contra Capa, pp. 31-44.
- KOLLHOFF, Hans (1994), “Seção Livre: Entrevista de Win Wenders a Hans Kollhoff”, *Espaços e Debates*, São Paulo, n. 38, pp.83-91.
- MONTANER, Josep Maria (1997), *A modernidade superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX*, Barcelona: GG.
- MORAES, Eliane R (2002), *O corpo impossível*, São Paulo: Iluminuras.
- NORA, Pierre (1997), *Les Lieux de Mémoires*, Gallimard: Paris.
- NIETZSCHE, Friedrich. (2007), *Assim falou Zaratustra, Centauro*: Rio de Janeiro.
- PERRONE-MOISES, Leyla (2004), *Do Positivismo à Desconstrução*, São Paulo: EDUSP
- RICOEUR, Paul (1998), “Arquitetura e narratividade”, *Urbanisme* (nov./dez), pp. 44-51.
- ROCHA, Ana Luiza C. e Cornélia ECKERT (2005), *O tempo e a cidade*, Porto Alegre: UFRGS.
- ROWE, Colin e Fred KOETTER (2006), “Cidade-colagem”, Kate NESBITT, *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*, São Paulo: Cosacnaify, 293-320.
- ROSSI, Aldo (2006), “Uma arquitetura analógica”. Kate NESBITT, *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*, São Paulo: Cosacnaify, pp. 377-383.
- SOLÁ-MORALES, Ignasi (2003), *Diferencias: topografía de la arquitectura contemporánea*, Barcelona: GG.
- SCHULZ, Sonia H. (2008), *Estéticas urbanas: da pólis grega à metrópole contemporânea*. Rio de Janeiro: LTC.
- VENTURI, Robert, B. Denise SCOTT e Steven IZENOUR (2003), *Aprendendo com Las Vegas: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica*, São Paulo: CasacNaify.
- VIDLER, Anthony (2006) “Uma teoria sobre o estranhamente familiar”, Kate NESBITT, *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*, São Paulo: CosacNaify, 617- 621.